



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 85/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## NATÁLIA

Por falta de trato com ele, não tenho intimidade com o teatro. O teatro é um gênero de literatura, não é simplesmente um espetáculo-entretenimento, como o cinema, em que você sente, relaxa e aprecia aquele fragmento da vida que se desenrola diante de você com a naturalidade do real. O teatro requer certas doses de estudo sobre o texto e de concentração sobre o significado da cena. Claro que o cinema, em alguns dos melhores filmes, também atinge profundidades que exigem esse esforço mínimo para a fruição, mas não com a obrigatoriedade do teatro. Por exemplo, você vai ver “Fados” e, sem nenhum empenho de busca, desfruta duas plenas horas de beleza pura que a arte de Carlos Saura lhe oferece. Esse preâmbulo todo, que pode estar todo errado, foi para justificar minha falta de trato com o teatro. Como se a minha atração pela política, pelos outros gêneros de literatura, pela música, pela história e pela filosofia, e até o meu gosto pelo cinema, que eu frequento duas vezes por semana, pudessem fazer boa razão para a minha ignorância no teatro.

Não creio, entretanto, que esta declaração de imperícia me deva impedir de, vez por outra, fazer certa incursão pelo comentário sobre peças teatrais. Afinal, eu espalho este Correio por muita gente que, como eu, não é afeita ao teatro, mas pode gostar de receber, mesmo de um leigo incompetente, uma notícia capaz de orientar, pelas linhas do gosto comum, uma eventual decisão de ir ao teatro.

Fui assistir a uma peça intitulada Natália. Várias razões me levaram a ela. Por exemplo, o nome e o cartaz: um dos belos nomes de mulher, singular, nada vulgar, e um corpo feminino atraente, que parece sair do papel do anúncio e alçar vôo sobre você, com suas grandes asas, que não são de anjo, porque são negras como os seus cabelos, símbolo erótico de feminilidade quase pecadora. Outras razões, também fortes: teve sua temporada no pequeno Teatro do Jockey, espécie de sala preliminar onde se testam os talentos, e ganhou status de peça respeitável migrando para o Teatro Leblon. Ainda, a figura do autor, Paulo Graça Couto, que eu conheço, um engenheiro, como eu, interessado em artes, não é comum, que cultivava literatura, escultura e principalmente teatro.

Pois o impacto da peça é nocauteante. Está ali a tragédia do nosso tempo, o arruinamento nervoso. Alguns traços não são propriamente novos na vida da humanidade; têm pelo menos a idade de Freud: relação incestuosa da menina com o pai amado, ela auto-culpada pela seu suicídio; mãe fria e complicada, ligada sexualmente a uma secretária-sócia que mandava no negócio e na casa, e a bela Natália aí no meio, induzida, melhor, forçada a ganhar dinheiro exibindo suas formas como modelo. O que é novo, marca do tempo, é o exaustivo esforço a que ela se obriga para ter competitividade e sucesso no mercado, o mercado, o deus do nosso tempo, o exigente mercado do encanto feminino, da sedução, a necessária flagelação imposta ao ser, que chega até o suplício da anorexia. Novo também, e interessante, é o tratamento do tema, com a narrativa correndo através do monólogo costurado com diálogos frequentemente técnicos, cheios do profissionalismo frio, típico das clínicas de primeiro mundo. E bem contemporânea é a mistura do complicado viver dessa moça com o quase inevitável uso de drogas. Claro, não vou contar toda a peça, o leitor já adivinha, o resultado é a demência, a esquizofrenia, a internação no hospital psiquiátrico. A gente sente o a atmosfera do hospital suíço e as vibrações e explosões da loucura medicada, apaziguada, domesticada, modernizada, desumanizada.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 85/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

A peça é um monólogo; difícil para o autor e para o ator. E no entanto, desde a grande novidade de “As mãos de Eurídice”, há mais de 50 anos, é um gênero que tem crescido fortemente nos últimos tempos, por força, evidente, dos fatores econômicos da produção: o monólogo, em geral, sai muito mais barato. Mais uma vez, é o mercado, sempre o mercado, cujo poder só a política pode enfrentar. Por exemplo, o Congresso Brasileiro está aprovando uma lei que vai instituir o “vale cultura”, introduzindo uma dimensão política, distributiva, para reduzir a tirania do mercado, que sempre atende aos ricos.

Mas trata-se de um monólogo denso, dramático, tenso, que mantém suspensa a respiração da platéia. Difícil para o autor, como disse, e acho que ele, que tem o talento do diálogo, saiu-se muito bem na indução à percepção das outras vozes, virtuais, às vezes explícitas, no correr da fala única do texto. E difícil, claro, muito, para a atriz. Não falo nada da direção porque não entendo nada de direção, sou incapaz de ver a mão do diretor no palco e peço desculpas ao Henrique Tavares que parece um craque. Da atriz, falo porque vejo, escuto, sinto, suspiro, vibro, desejo aquela mulher humana e bela, branca como um lírio, de joelhos sublimes, que exhibe sua vida tormentosa e torturada diante da gente. E convence. O desempenho do ator obviamente depende muito da sua afinidade com o personagem, afinidade já existente antes ou criada por ele (ela) no trabalho de estudo e introspecção da peça. Pois Tarciana Saad demonstrou a mais perfeita identidade com a Natália sofrida, bela, desfilando na passarela, atormentada. É uma verdadeira atriz, talentosa (viva!), estreante, pelo que sei, e auspiciosa pelo trabalho na sua estréia.

Enfim, fui ver e gostei; achei por bem contar aos amigos.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)